

*El cuerpo y otra
cosa.* Darío
Jaramillo
Agudelo. Bogotá:
Luna Libros,
2016, 56p.

Ricardo Javier Barreto Montero

Recebido em: 20 de agosto de 2019
Aceito em: 17 de setembro de 2019

Mestrando em Letras na
Universidade Federal do Espírito
Santo. Graduado em Literatura
na Universidad de los Andes de
Bogotá (Colombia).
Contato: tutolo24@yahoo.com
Brasil

Darío Jaramillo Agudelo é um poeta, romancista e ensaísta colombiano. Sua obra narrativa se compõe, entre outros, dos romances *La muerte de Alec* (1983), *Memorias de um hombre feliz* (2000), *La voz interior* (2006) e *Historia de Simona* (2011), além de três livros de ensaios e o livro autobiográfico *Historia de una pasión* (2006). No ano 2018 foi galardoado com o *Premio Internacional de Poesía Federico García Lorca* pelo conjunto da sua obra poética. Escreveu, entre outros, os livros de poesia *Tratado de retórica* (1978) – com o qual obteve o *Premio Nacional de Poesía Eduardo Cote Lamus* –, *Poemas de amor* (1986), *Del ojo a la lengua* (1995), *Gatos* (2005), e *El cuerpo y otra cosa* (2016).

Precisamente com este último livro ganhou no ano 2017 o Prêmio Nacional de Poesia outorgado pelo Ministério de Cultura da Colômbia. O título do livro faz referência à estreita relação que o poeta tem com o corpo. Este é um assunto essencial para o poeta colombiano, não só na sua escrita, mas também na sua própria vida. É importante mencionar que Darío Jaramillo, depois de sofrer um atentado com uma mina antipessoal em 1989, perdeu uma perna. A consciência de um corpo mutilado está em consonância com o fato de que muitos dos temas da sua poesia tenham que ver diretamente com a carne, a ausência, a ideia do outro e o corpo material. Neste sentido, seus poemas se defrontam diretamente com a dor produzida pelas feridas do corpo, não só pela ausência física de um dos seus membros, senão também pelas consequências que isso tem na perspectiva que a voz poética assume a partir da concepção de corpo, de sofrimento e de escrita.

O livro se compõe de 37 poemas (a grande maioria sem títulos) e quatro elegias finais em verso livre. A partir de contrastes entre duplas como vida e

morte, o passo do tempo e o instante presente, o esquecimento e as lembranças, a palavra e o silêncio, os poemas de Jaramillo compõem um constante oceano de dicotomias no qual o poeta mergulha para dar testemunho das experiências que constituem o corpo e essa outra coisa indefinível, às vezes alma, às vezes coração, às vezes vazio.

No livro, o silêncio é matizado constantemente. Por um lado, se constitui na alternativa para o que não tinha de ser dito, para esse gasto excessivo em que se constituem as palavras, essas manchas que são em ocasiões “*lo que debí callar, los ruidos que pude suprimir, mis aturdimientos*” (Jaramillo, 2017, 19). O silêncio, neste sentido, não é apenas uma ausência de palavras ou uma apatia, é uma dívida com um estado mais puro e adequado no mundo. Porém, Jaramillo trata o silêncio como uma coisa que quer ser, mas que não é essencialmente: não há um silêncio em si mesmo, pois ele também está constituído por pequenos sons, por “*ruídos que se escondem detrás [de él]*” (2017, 22). Por isso, essa procura por um silêncio parecido com um “*esplendoroso vacío sin ecos*” (2017, 22) é uma tarefa que nunca se concretiza. Por outro lado, o silêncio é também um estado da alma, no qual a mente se dá uma pausa e cede espaço ao coração, e os ruídos dos desejos, das ânsias, dos excessos, são eliminados. Assim, o silêncio é uma condição à qual o poeta aspira: não só procura alcançá-lo através da ausência ou do apagamento, senão tentando fazer da sua própria existência um silêncio, fazendo-se silêncio: “*Reducirse al tamaño del silencio.\Ser silencio\quieto silencio*” (2017, 20). Por fim, o silêncio também é algo intrínseco ao homem, que lhe pertence e a quem pertence, na medida em que “*uno mismo [está] hecho*

de silencio” (2017, 21). Esse silêncio que nos habita é um lenitivo que nos permite deixar para trás não só o ruído constante da cidade e do mundo, mas também o passado e as lembranças.

Para Jaramillo, o escritor é de certo modo um instrumento através do qual a palavra adquire realidade. Não é o escritor dono da palavra nem está no controle da escrita, não se exerce uma instrumentalização da palavra nem se subordina ao criador para que ele a use como ele quiser, a aproveite, a molde e dê conta do mundo através dela, senão ao contrário: “*La palabra es mi dueña, la palabra piensa por mí y por mí siente*” (2017, 27). O mundo que se expressa através da palavra não é claro nem definido. Esta palavra não é o *lógos* ordenador dos pensamentos e dos objetos no mundo, senão, pelo contrário, “*etiqueta que me distancia de las cosas, máscara o maquillaje*” (2017, 27). Porém, Jaramillo estabelece uma dupla condição da palavra: por um lado, é aparência das coisas, pelo qual não pode ser as coisas, pois ela está sempre vinculando o mundo da linguagem (que é precário e limitado) com a realidade que é ampla, plural e diversa. Por outro lado, a palavra está intimamente ligada com algo secreto que habita nas coisas, com a ideia que fica no fundo delas, com a ‘coisa’ em si. É a isso que o poeta, por meio da palavra, tenta se acercar precariamente: “*Las palabras no son las cosas pero las palabras son la cosa*” (2017, 29). Antes do que renunciar à palavra, o poeta estabelece a distância que a separa da realidade, e ao mesmo tempo a situa como o elemento que está mais ao seu alcance para dar conta dessa realidade quase inatingível. Assim, Jaramillo define a palavra também como um elemento que tem um leve efeito nas coisas, pois é através dela

que identificamos os objetos da realidade e, ao nomeá-los, intrinsecamente estamos mudando sua condição, agregando alguma coisa a sua essência, um substantivo que nos permite referenciá-los. O anterior permite ao poeta refletir em torno à escrita que muitas das vezes não alcança o fato: ao pôr por escrito uma palavra que represente uma realidade, sempre vai fugir alguma coisa, seja pelo tempo, no qual o acontecimento deixa de ser existência para se converter em lembrança, seja porque a precariedade da palavra não alcança para atingir plenamente essa realidade que se tenta representar, pois o acontecimento, a coisa representada, sempre vai ser outra: *“Aquí debo escribirla palabra plenilúnio, linvocar la luz de plata de mejores noches/sin poder repetir su jadeo/ni repetir la risa que era la música entonces”* (2017, 37).

Agora bem, para Jaramillo o lugar onde coisas e palavras encontram um ponto de equilíbrio, o ambiente no qual podem conviver simbioticamente, é o poema: *“Los poemas son cosas hechas solamente con palabras”* (2017, 21). Nessa outra realidade que constrói o poema, coisas e palavras estão intimamente inter-relacionadas, pois as palavras dão conta das coisas e as coisas que são retratadas e trazidas a essa realidade do poema são palavras. Uma palavra, no poema, é uma coisa (a ideia, a representação), mas as coisas, representadas nos poemas, são ideias das coisas. Não são coisas ‘reais’ as que estão no poema, nem são as coisas em si o que as palavras deixam como marcas no poema, pois as coisas estão na realidade. O que está no poema são representações linguísticas das coisas, e é por isso que *“Si el poeta busca cosas, no hallará palabras/ Si el poeta busca palabras, hallará palabras”* (2017, 30). Ao nomear as coisas, o poeta está estendendo uma ponte entre a realidade

e a representação, mesmo que, segundo Jaramillo, sempre “*estará lejos de las cosas*” (2017, 30). Por isto, quando quer se referir às coisas, não é nas palavras onde deve fazer sua procura, pois estas são nomes, representações de “*hechos, objetos, acontecimientos, ideas*” (2017, 31): se quer ir até as coisas mesmas, tem que deixar as palavras e ir até a realidade, onde não há mais representação, mas sim existência, apresentação.

O corpo para Jaramillo está em consonância com a ideia de Bataille (1957) a respeito do erotismo, da dor e o gozo do corpo que no prazer último deixa a consciência e a identidade individual para trás para entrar no nada¹. A dor é corporizada a través do sofrimento: a identidade, perante as feridas e a dor do sofrimento, se deixa de lado, ultrapassa a própria carne e o próprio corpo numa experiência representada numa ferida e uma dor que “*era más que yo*” (2017, 10). Essa dor e a experiência do sofrimento desembocam numa mudança tanto física como mental: se é outro depois da dor, o estremecimento que implica conviver com o padecimento e com a tribulação física faz com que o poeta sinta à flor da pele esse sentimento no seu corpo, e ao mesmo tempo a obrigatória necessidade de mudar que, ao final, oferece uma espécie de revelação que se dá no jeito em que a voz poética percebe a relação do corpo com o mundo e, neste caso, com o tempo: “*Cambio de piel, metamorfosis (...) Necesidad de desconectar los sentidos(...)mudo de piel y una parte dentro de mí hace crac (...)intuyo otra manera de llevar el tiempo*” (2017, 11). O

1 O erotismo, já o disse, é a meus olhos o desequilíbrio em que o próprio ser se coloca em questão, conscientemente. Em certo sentido, o ser se perde objetivamente, mas então o sujeito se identifica com o objeto que se perde. Se for preciso, posso dizer, no erotismo: EU me perco. (Bataille 1957 [2013], 55).

corpo temporal que experimenta a dor e o prazer, muda constantemente: ao tempo que goza com o amor, também o padece, e é nessa experiência corporal que o ser transpassa limites. Esse limite está marcado pela tríada corpo-tempo-morte. Num primeiro momento, o corpo é definido como o lugar das experiências, dos prazeres e das dores, “*que se alimentó de risas y orgasmos*” (2017, 16), “*entre sueños y vigílias*” (2017, 17). Posteriormente, é comparado com o tempo: o corpo está composto da mudança temporal, de um transcorrer que não fica no presente, que traz lembranças do passado e que viaja inexoravelmente até o futuro. O corpo está feito de tempo, o corpo é o tempo. E é aí que a morte entra. Para Jaramillo, “*la muerte que es cuando el tiempo ha dejado de pasarnos*” se constitui no limite até o qual as experiências da vida levam seu corpo. As lembranças, o passado, são “*una manera despaciosa de la muerte*” (2017, 21).

Na dualidade corpo/alma o corpo é a materialidade física que define ao poeta, a quem pertence o nome que tem, as lembranças que o definem, a carne que dói e os prazeres aos quais se entrega, o tempo que termina e fecha o presente. O corpo cheio de tempo tem um limite, e ao morrer, também vai desaparecer. Porém, a outra face é a alma, isso indefinido, isso outro que também tem a sua morada no ser, mas que o habita temporariamente, que não termina quando o tempo acaba no corpo: sem memória, sem a lembrança que o ata ao mundo e ao presente, e sem tempo, essa alma “*seguirá sin recordarme más*” (2017, 14). O corpo, para o poeta, é efêmero, enquanto a alma vai ter a transcendência que a carne não tem: “*El cuerpo de mis gozos se extinguirá entre la tierra, será ceniza, y lo otro que estuvo dentro de mí será*

aliento de otro ser, será parte de otra nada” (2017, 14). Jaramillo estabelece essa dualidade adjudicando ao corpo características que têm que ver com o temporal e com a experimentação dos gozos e as mudanças da carne, do que é vivo mas também morre: velhice, crescimento, doença, amor. A alma, por outro lado, se constitui em uma entidade pouco definível, que parece carregar os caracteres contrários aos do corpo: enquanto ele goza, ela *“pagó el precio, cargó todas las misérias, el desamor, el lento olvido, cierto rencor gris extinguiéndose*” (2017, 15); enquanto o corpo é *“sábio em colores”* a alma é *“blanco y translúcido”*. O corpo pertence à individualidade, ao eu, e se identifica com o portador do nome, *“sabe decir<<yo>>, porque el<<yo>> es solamente vísceras e instinto (...) matéria que llora”*, é a quem lhe chega um final porque está feito de tempo e caduca. No final, cindida do corpo, quando já não for parte dessa carne que a une a um nome e a um tempo que não lhe pertence, a alma *“olvidará todo, hasta mi nombre, cuando se vaya de mí”* (2017, 15).

O tempo também estabelece uma relação direta com o corpo na poesia de Jaramillo. A velhice traz mudanças no corpo, novas sensações e diferentes maneiras de se comportar e de agir no mundo. Para o poeta, nesse corpo diferente, cheio de tempo, mudado, pode habitar um outro diferente, *“otro nuevo que no conoce el lenguaje de mis vísceras, otro que apenas se adapta y va más despacio y tarda mucho en entender las cosas”* (2017, 16). No trânsito da vida para a morte, *“el cuerpo nunca permanece”* (2017, 17), pois por intermediação das experiências contínuas o corpo vai mudando: do prazer até a dor, do amor gozado até o amor padecido, é um corpo que se

transforma na medida em que o tempo também avança, porque, em última instância, “*El cuerpo está hecho de tiempo.*” (2017, 17). Mas para Jaramillo este tempo é um desconhecido: apesar de experimentar fisicamente seu trânsito, de compreender que muda porque o corpo evidencia essa mudança, o tempo se apresenta como uma coisa “*inexorable, absurdamente simple, tiempo que no entiendo*” (2017, 18). Ao tentar alcançar uma ideia de tempo, o poeta tenta dar características que possam defini-lo: fala dele como um tempo “*curvo (...) hueco*” (2017, 18), que não tem forma determinada e se apresenta quase como uma ausência. Mesmo que considere o tempo com um passado que traz as lembranças e os esquecimentos (esses silêncios do tempo) e com um futuro no qual a morte revela seu rosto, é no presente que essa ausência é mais evidente, pois o hoje é o momento no qual o tempo se apresenta com mais clareza, onde deixa ver com mais certeza a relação que estabelece com a existência do poeta e com o próprio corpo: “*tempo con nada, tiempo sin hoy, en mis narices el hueco del presente capaz de no existir y de ser mi única existencia. \ Eso es el cuerpo, el cuerpo hecho de tiempo (...)El tiempo, que es el cuerpo*” (2017, 18). O presente para o poeta não existe, pois é uma nada movimentando-se, que muda constantemente. Ao tentar dizer o presente, ele já é passado pois o instante inatingível é impossível de medir, não tem quietude, é uma espécie de nada do tempo. Nesse presente, Jaramillo localiza sua própria existência, e na medida em que flui constantemente, sua própria existência se converte em outra coisa “*el tiempo en que soy lo que acabo de ser hace sólo un instante, el mismo pero otro, ¡el presente, mi nada*” (2017, 34).

No livro o corpo se apresenta dicotômico, ferido mas também gozoso, “*exuberante o enfermo, mutilado o entero (...) creciendo o en plenitud*” (2017, 13). É um corpo feito de tempo, sofredor das mudanças próprias da velhice e da dor. Por meio dele reflete em torno a temas que constituem essa outra coisa indefinível e incerta à qual se refere o título do livro e que fica sob um manto de dúvida. Por um lado, pode ser a alma intemporal que vai sobreviver à morte do corpo. Pode ser essa mesma morte que ronda os versos dos poemas e o corpo do poeta como uma presença fantasma. Pode ser também as palavras que não são o instrumento todo-poderoso com que a realidade é representada e que não estão subordinadas ao escritor. Pode, por fim, ser esse tempo também fugitivo do qual está feito o próprio corpo. A poesia de Jaramillo fala desde o corpo e em direção ao corpo, da materialidade corporal das coisas expressada em palavras e da metafísica dessa outra coisa, incerta, que habita o corpo e que se evidencia no tempo, na inapreensível alma ou no constante e cúmplice silêncio.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Jaramillo Agudelo, Darío. *El cuerpo y otra cosa*. Bogotá: Luna libros, 2017
- Bataille, Georges. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, (1957) 2013.